OS "DONOS" DA BOLA?. : UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE FUTEBOL, POLÍTICA E SOCIEDADE NA DITADURA MILITAR

Marco Antônio da Silva Batista Neto[1]

"Estava mais angustiado que um goleiro na hora do gol." (Belchior)

INTRODUÇÃO

O futebol é um dos esportes mais praticados em todo o mundo, ele meche com a sociedade, fazendo com que milhões de pessoas todas as semanas saiam de suas casas para prestigiar o espetáculo futebolístico, onde os sentimentos a "flor da pele" causam verdadeiros devaneios nos estádios de futebol.

Antes de me tornar um historiador, já era um torcedor fanático. Meu avô, me levava para os estádios, ainda criança, para torcer e vibrar pelo nosso clube[2], lá aprendi o que é vencer apesar das dificuldades, e perder sabendo que as coisas podem mudar. Porém, no estádio despertei para problemas que estão na sociedade, como o racismo e a militarização do esporte, que atualmente, estão em vigor em boa parte do mundo.

Sabendo da importância do futebol para a sociedade, e como ele foi utilizado pela ditadura militar no Brasil, nos propomos a fazer uma análise historiográfica sobre a produção de pesquisas acadêmicas envolvendo o futebol e a ditadura militar no país, apresentando suas contribuições para uma temática que estar em crescimento na academia histográfica.

OS MILITARES ENTRAM EM CAMPO

A década de 1960 passava por transformações significativas no Brasil e no mundo. Os Estados Unidos via a erosão da sua hegemonia comercial e política, a União Soviética apoiava revoltas sociais que atingiam os interesses dos EUA, como a Revolução Cubana liderada por Fidel Castro e Che Guevara que colocou um fim a ditadura de Batista em 1959. O clima de Guerra Fria pairava sobre o mundo e a política de Washington era de combate ao comunismo, principalmente nos países da América latina.

No Brasil, os políticos populistas teatralizavam suas campanhas tentando se aproximar dos grupos sociais mais populares, com discursos vazios, conservadores e moralistas. Nesse preambulo, o candidato à presidência Jânio Quadros, apoiado pelos empresários conservadores e a "grande imprensa", vence as eleições e se torna o mais novo presidente. Naquele período, as normas eleitorais não vinculavam votos de presidente e vice-presidente, sendo assim, o candidato a vice-presidente pela chapa de oposição, João Goulart (Jango), vence, tornando-se o vice-presidente da república.

Segundo o pesquisador João Paulo Netto, apesar das diferenças de ideias e da formação política entre o presidente e o vice, João Goulart pertencia aos grupos elitizados e tradicionais do Rio Grande do Sul. "Jango" era

> ... Rico pecuarista, personalidade do *Partido Trabalhista Brasileiro* (PTD), que entrara na política pelas mãos de Vargas (de quem fora ministro do trabalho em 1953-1954) e de cujos projetos era continuador, tinha históricos compromissos com as classes trabalhadoras e, por isto mesmo, desfrutava tanto de larga popularidade entre elas como de enorme rejeição entre os grupos conservadores (civis e militares).(NETTO, 2015, p.28).

[1] Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em História (PPGH) pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

[2] Campinense Clube – PB.

Apesar de ter ligações com as classes trabalhadoras, Jango, não carregava ideias de esquerda ou uma política ligada ao comunismo soviético, pelo contrário, era representante das ideias varguistas, defendendo assim, a política do seu "padrinho político" Getúlio Vargas.

Com a renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, João Goulart, que tentava aproximações comerciais com a China comunista, é chamado às pressas para assumir o cargo de Presidente, mas as elites conservadoras iriam atrapalhar todo o processo de posse.

Jango, apesar de ter apoio das camadas mais populares, estava assumindo o cargo de presidente em momento complicado, afinal, o parlamentarismo foi implementado rapidamente pelas forças conservadoras, tendo como principal objetivo restringir os poderes do presidente, chamado pelos militares de "demagogo, corrupto, inepto e influenciado pelos comunistas".[3]

Os conflitos sociais se agravavam, as demandas das classes trabalhadoras da cidade e do campo desagradavam os empresários e grandes latifundiários, que viam seus interesses econômicos ameaçados por pobres trabalhadores que eram explorados todos os dias, tendo direitos amputados por um pequeno grupo econômico que "denominava" de comunistas todos aqueles que lutavam por reformas de base.

Os trabalhadores estavam em cena lutando pelas reformas trabalhistas, o governo não reprimia movimentos grevistas que paralisavam do sudeste ao nordeste do país, fazendo com que fábricas de automóveis até engenhos de cana-de-açúcar, tivessem suas produções interrompidas. Segundo Netto, as greves geravam um efeito "cascata", pois

> De outubro de 1963 (quando 700.000 trabalhadores paulistas cruzaram os braços) aos dois primeiros meses de 1964, os trabalhadores urbanos se mobilizaram em processos grevistas sem precedentes, principal instrumento para travar a deterioração dos seus salários em face da inflação em alta- nos centros urbanos mais importantes do país, praticamente todas as categorias de trabalhadores, muito além do proletariado *strictu senso*, recorreram ao direito institucional de greve. (NETTO, 2015, p.64).

Sabendo que o presidente Jango, tinha a intensão de atender as reformas de base, a cúpula militar, juntamente com setor empresarial arquitetavam o golpe que não tinha apenas a intenção de retirar através de um ato anticonstitucional o presidente da República, mas de retirar de cena os trabalhadores que lutavam por melhores condições de vida.

Em 01 de abril de 1964, as forças golpistas (militares e empresários) celebravam o seu mais novo feito: a derrubada do presidente João Goulart e a intervenção militar no Brasil. A ditadura estava instalada e por longos vinte anos direitos democráticos foram anulados, a violência militar ditava o modo de vida no país, músicos, intelectuais, políticos, trabalhadores e líderes estudantis, foram presos ou mortos, em nome da "democracia" e do anticomunismo.

O general Castello Branco, se torna o primeiro presidente (ditador) desse período. Tendo em vista que as forças populares iriam lutar pelo fim da ditadura militar, Castello Branco não perdeu tempo, apesar de ter prometido devolver o poder para o "povo" em uma nova eleição, formou um ministério composto por militares, baixou o ato institucional n°1 (AI-1), impondo o seu poder acima dos demais poderes e começou a repressão em nome do "perigo comunista" que se alastrava no Brasil.

Tomando medidas impopulares, a ditadura promoveu "arrochos salariais", aumento da carga tributária, prejudicando os grupos mais populares do Brasil. Segundo, Guterman (2014), nem os jogadores profissionais de futebol escaparam do imposto de renda, "muita gente que

[3] FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pág.345.

não pagava Imposto de Renda, como os jogadores de futebol, passou a ser cobrada com vigor, inclusive alguns bicampeões do mundo, como Garrincha, Didi, Zagallo e Nilton Santos.[4]

Essa medida, desagradou boa parte da população brasileira, com exceção dos grupos empresariais que aumentariam ou manteriam seus lucros. Os jogadores de futebol, desaprovaram essa medida, afinal, a profissão de jogador de futebol ainda não estava regulamentada, apesar da profissionalização das equipes e dos jogadores ser algo discutido desde o período Vargas. Outra crítica feita pelo grupo, tem como base que os jogadores da seleção brasileira estavam defendendo as cores da pátria (nacionalismo) no mundial de 1966, mostrando ao mundo o grande futebol brasileiro, que por sinal, neste ano foi um fracasso, mas despertou nos militares a campanha de fazer o selecionado tri campeão mundial em 1970.

Não demoraria muito para que os militares entendessem o poder do futebol em mobilizar as massas, sendo assim, começaram a se aproximar do esporte mais popular do Brasil. Na obra *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, escrita por Guterman, citado anteriormente, o autor apresenta um capítulo destinado a temática discutida. Intitulado: *As trevas do Brasil e da seleção brasileira,* o autor mostra as aproximações do governo militar com o futebol brasileiro, principalmente com a seleção, onde os ditadores e João Havelange tiveram um relacionamento importante para os dois setores.

O autor utiliza de arquivos de jornais, fotografias e entrevistas, para mostrar que desde o governo Castello Branco, os militares começaram a utilizar do futebol, da seleção brasileira, em especial, para construir uma imagem de união, força, superação, nacionalismo e patriotismo. Pois, era necessário vincular-se ao futebol para construir uma imagem de crescimento do Brasil através de um governo militar, ditatorial e extremamente seletivo, afinal, os mais beneficiados com a ditadura não eram as classes mais pobres.

Sendo assim, apesar de ter destinado um pequeno capítulo para a reflexão desta temática, Guterman, apresenta de forma simples as "teias" utilizadas pelos ditadores para atingir o futebol, logo, como atingiram outros setores da sociedade. Porém, sua pesquisa se torna mais intensa na década de 1970, no governo Médici, onde as ligações entre ditadura e CBD[5] eram mais fortes, assim como, a tentativa de construção de uma identidade nacional e o movimento de contestação aos direitos trabalhistas dos atletas profissionais de futebol.

Aprofundando mais a temática, a tese de mestrado de Aníbal Renan Martinot Chaim, intitulada: *A bola e o chumbo: Futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira,* apresentada ao departamento de ciência política da USP (Universidade de São Paulo), tem como objetivo mostrar como a ditadura militar interferiu no cenário esportivo nacional. O autor não foca exclusivamente na seleção brasileira, como faz Guterman, mas nos clubes paulistas que se beneficiaram do período ditatorial para crescer economicamente e fazer do futebol um meio de aproximação entre generais e populares. Apesar de focar no período Médici, o pesquisador irá refletir desde o golpe até o fim da era Médici e João Havelange, já que a saída do presidente da CBD para a FIFA, casa com o fim do governo do general.

Se utilizando de arquivos da Gazeta Esportiva e documentos da Assembleia Legislativa e da Câmara Federal, o autor vai mostrar as relações entre os presidentes de São Paulo, Corinthians e Santos com os setores mais conservadores da política brasileira.

Wadih Helu (presidente do Corinthians 1961-1971) foi deputado federal pela ARENA e deputado estadual, sendo vice-presidente da assembleia legislativa. Laudo Natel (presidente do São Paulo 1958-1968), atuou como governador no estado paulista nos anos de

[4] GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país**. São Paulo: Contexto, 2014. P.150.

[5] Instituição responsável por organizar o futebol brasileiro, onde logo depois se tornaria a atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

1966,1967,1971,1975, sendo membro da ARENA e indicado pelos generais. Athiê Coury (presidente do Santos em 1945 e 1971) foi deputado federal pelo MDB entre 1966 e 1983. Esses "cartolas"[6], possuíam ligações diretas com a ditadura militar, colaborando com a administração governamental.

A principal disputa política e esportiva no cenário ditatorial, segundo o pesquisador, era entre Laudo Natel (São Paulo) e Wadih Helu (Corinthians). Os dois brigavam por capitações de recursos para construção de estádios privados. Laudo Natel, por possuir contato com o Banco Bradesco (instituição que participou ativamente da ditadura), se utilizou do prestígio entre os setores empresarias e públicos para finalizar a construção do estádio do Morumbi, pertencente ao São Paulo Futebol Clube.[7]

Wadih Helu, lutava para que o governo militar aumentasse a capacidade do Pacaembu, estádio público, mas que cedeu boa parte dos jogos do Corinthians até a recente construção do Itaquerão ou Arena Corinthians em 2013-2014, essa "rivalidade" buscava retirar dos cofres públicos quantias exorbitantes para a cartolagem nos clubes e para a corrupção entre os militares. Brigas a parte, o prefeito indicado pelos militares, Paulo Salim Maluf, conseguiu acalmar os ânimos e estabelecer negociações entre os dois clubes. O que nos chama a atenção, é que o autor mostra escancaradamente as ligações entre política e futebol, mas diz que "esses dois campos caminharam com relativa autonomia".[8]

Porém, iremos perceber que na ditadura militar, o futebol não caminhou com "certa autonomia", pelo contrário, as interversões eram constantes, chegando a atingir a vida dos jogadores de futebol, que eram ameaçados e muitas vezes perdiam o emprego por se manifestar contra o regime ditatorial. Outros, se beneficiam da ditadura para o enriquecimento próprio, como foi o caso de Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé "O rei do futebol".

Outra crítica que fazemos ao autor, se trata da terminologia utilizada para descrever o golpe militar. Em vários momentos de sua tese, o pesquisador não usa a terminologia *golpe militar* ou *ditadura militar*, ele utiliza os termos "*Revolução*" e "*golpe civil-militar*". Sabemos, que essas terminologias utilizadas na tese, corresponde a um revisionismo criticado pela academia historiográfica, tendo em vista que o termo "Revolução", busca exaltar os militares que supostamente salvaram o Brasil das "mãos dos comunistas", discurso dito pelos militares golpistas e pelos setores conservadores da nossa sociedade. Já o termo "civil-militar", nos passa a ideia de que a sociedade civil colaborou e apoiou a ditadura militar. Sabemos que isso não corresponde com a realidade, já que alguns grupos formados por civis (setores empresariais) colaboraram com o golpe, mas a maioria dos grupos sociais, já citados anteriormente, foram contra e combateram a ditadura.

Com a saída de Castello Branco, as aproximações entre futebol e ditadura foram intensas, afinal, um projeto estava em jogo: mostrar um Brasil "crescendo" com o governo ditatorial e a seleção brasileira (o principal símbolo), ganhando o tri campeonato, a Copa do mundo do México, que para os militares começou antes de 1970.

---

[6] Nome dado aos dirigentes dos clubes de futebol. Essa terminologia nasce no final do século XIX e início do século XX, pois os dirigentes do esporte eram homens da elite que se vestiam aos moldes europeus, usando uma cartola.

[7] CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola e o chumbo: Futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira**. Tese de mestrado defendida na Universidade de São Paulo (USP), 2014.

[8] Idem.

COSTA E SILVA, MÉDICI E JOÃO HAVELANGE: O FUTEBOL BRASILEIRO NAS MÃOS DO AUTORITARISMO.

No ano de 1967, a linha dura do exército brasileiro chegava ao poder com o general Arthur Costa e Silva, os anos de chumbo trouxe tempos árduos para a população brasileira. A lei de segurança nacional criminalizou as manifestações, greves e opiniões contrárias a ditadura militar. Protestos eclodiam em todo o Brasil, tornando o clima política tenso e radical, nesse momento o Ato Institucional n°5 (AI-5), suspendeu direitos civis, constitucionais, fechou o congresso e legalizou a censura e a tortura, principal política de Estado para combater aqueles que criticavam a ditadura.

Apesar de ser extremante autoritário, o general Costa e Silva aumentou o diálogo com João Havelange, presidente da CBD. João Havelange que chega ao poder da instituição em 1958, diga-se de passagem, sem ter nenhuma experiência com o futebol, pois era atleta da natação e não conhecia nada do esporte, mas ganhou as copas de 1958 e 1962.[9]

Um dos principais discursos de Havelange, dito em entrevistas e aos militares era de que a CBD não tinha dinheiro, nem recebia ajuda do governo, por isso era insustentável manter a instituição sem fazer dívidas. Uma das suas propostas era criar a Loteria Esportiva, mas o general Costa e Silva vetou, pois, era crime os concursos de jogos de azar. [10]

Segundo o pesquisador Chaim[11], em meio as manifestações que ocorriam em todo o Brasil, uma chamou a atenção, a Passeata dos Cem Mil, onde os grupos contrários a ditadura militar juntaram aproximadamente mais de 100 mil pessoas, que pediam o fim da ditadura. Em meio a esse cenário, João Havelange disse

> Só se reúnem 200 mil pessoas num comício de protesto ou num estádio onde se joga uma partida de futebol. É preferível reuni-las num estádio. Eis porque acho que os governos, de todas as partes do mundo, deveriam dar maior amparo ao futebol. (CHAIM, apud A Gazeta esportiva, 31/07/1968. p. 8).

Essa declaração, aproximou ainda mais os elos entre João Havelange e a ditadura, pois, em dezembro de 1968, uma reunião ocorreu em Brasília entre João Havelange e o general Costa e Silva, onde o ditador mostrou preocupação com a seleção brasileira e afirmou que era necessário ganhar a todo custo, de qualquer jeito a Copa do Mundo de 1970.

Em 1969, com a saúde debilitada, o general Costa e Silva não deu continuidade as negociações entre ditadura e CBD, mas os planos ficariam nas mãos do seu sucessor o general Emílio Garrastazu Médici, que usou e abusou do tricampeonato mundial. Ainda nesse mesmo período, João Havelange já começava as articulações para conseguir um destaque a nível mundial: o cargo de presidente da FIFA.

O governo Médici transformou o futebol em um dos seus principais instrumentos de propaganda. O chamado "milagre econômico", enriquecia os setores empresarias e distribuía o tesouro público nas mãos dos corruptos militares. Mas, era necessário mostrar que o Brasil caminhava no viés da "ordem e do progresso" em todos os setores, até no futebol, por isso, para os militares era uma questão de honra fazer da seleção tricampeã mundial.

Segundo o historiador social Hilário Franco, logo depois do AI-5, a CBD escolheu um novo técnico para o selecionado nacional, o "convocado" para essa missão foi o jornalista

---

[9] KFOURI, Juca e CARRANO, Paulo César R. (org.). **Futebol: Paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P.55.

[10] A lei que criminalizava os jogos de azar foi criada no governo de Jânio Quadros, onde o presidente proibiu: Loterias, jogo do "bicho", brigas de galo, corridas de cavalo e mulheres de biquíni nas praias. Essas leis criadas em 1961 compõe o leque de medidas "confusas" do político nesse período.

[11] CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola e o chumbo: Futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira**. Tese de mestrado defendida na Universidade de São Paulo (USP), 2014.

João Saldanha (João sem medo), que era declaradamente de esquerda e com ligações com o PCB. Mas, o treinador não durou muito, pois João "sem medo", falava o que pensava.

> Polêmico, a ele são atribuídas declarações que geraram instabilidade. A respeito de Pelé, afirmou que tinha problemas de visão. Ao presidente Médici, que teria insistido na presença do atacante Dario na seleção, Saldanha respondeu com uma frase bombástica: "Ele escala o ministério e eu escalo a seleção." (FRANCO, 2007, p.142).

Claramente, depois dessas declarações, João Saldanha foi demitido do cargo, mesmo tendo consigo a classificação para a Copa do Mundo no México. O novo escolhido foi o Zagallo, bicampeão do mundo como jogador pela seleção brasileira, tendo promovido modificações na escalação e na forma do time jogar, colocou Rivelino e Clodoaldo no time titular, jogadores que tiveram destaque no mundial.

As únicas modificações não foram apenas no selecionado, mas em toda sua comissão, que a partir de agora estava totalmente militarizada. Como apresenta Hilário Franco,

> A comissão técnica foi militarizada: o chefe da delegação era o brigadeiro Jerônimo Bastos, a segurança ficou a cargo do major Roberto Guaranyr, a supervisão com o capitão Cláudio Coutinho, a equipe de preparação física, dirigida por Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira, era composta pelos capitães Kléber Camerino e Benedito José Bonetti, a preparação de goleiros entregue ao subtenente Raul Carlesso. A preparação física militarizada respondia ao fracasso de 1966, atribuído à má condição atlética dos convocados. O jogador rebelde de talento espontâneo cedia espaço ao atleta-soldado, sujeito a mecanismos disciplinares e repressores, da mesma maneira que o cidadão brasileiro submetido a ditadura. (FRANCO, 2007, p.142.).

Através dessa citação, podemos perceber um selecionado de jogadores, sendo transformados em soldados, onde ganhar a Copa do Mundo era como ganhar uma guerra. Pelé, foi louvado pela ditadura, sendo coroado como o "rei do futebol". Rivelino, Gerson, Tostão, Jairzinho, Clodoaldo e o capitão Carlos Alberto Torres, foram escolhidos como os melhores jogadores da seleção de todos os tempos, sendo aclamados ainda hoje. Não questionamos o mérito futebolístico da seleção brasileira, pois o futebol apresentado pelos jogadores foi inovador, um time compacto, criativo e que apresentou o futebol arte ao mundo, porém, ao mesmo tempo, serviu de veículo promotor de propaganda da ditadura militar.

A copa de 1970, não ficou marcada exclusivamente pelo tricampeonato, mas pela transmissão de jogos da seleção ao vivo e a cores pela televisão. Ver a seleção brasileira jogar virou um evento naquele momento, principalmente pelas vitórias e pelos gols de Pelé. Ao som da "marchinha" de carnaval, "Pra frente Brasil", a ditadura abusava da conquista, mostrando que todo o país estava no "rumo certo".

O general Médici e João Havelange, foram "as festas" com o tricampeonato mundial. No dia 23 de junho de 1970, foi decretado feriado nacional, pois era necessário receber os "heróis nacionais". Banquetes foram promovidos em Brasília para os jogadores, assim como o desfile em "carro aberto" com a tarça Jules Rimet, que anos depois foi roubada. Médici deu a cada jogador 25 mil cruzeiros, retirados da Caixa Econômica Federal e o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, abriu os cofres do município para dar um Fusca a cada jogador tri campeão[12]. Alguns jogadores, representados pelo capitão da seleção, aproveitaram da situação para pedir ao general que "desse um jeito" no pagamento de impostos que "pesava" sobre os salários.

[12] GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país.** São Paulo: Contexto, 2014. P.180.

Em 1972, em entrevista ao jornal uruguaio *La Opinion*, o tri campeão mundial de futebol, Edson Arantes do Nascimento (Pelé) comentou: "Não há ditadura militar no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós, e nos governam com tolerância e patriotismo". [13] A declaração de Pelé e sua ligação com os militares não espanta ninguém, afinal, o "rei do futebol", foi uma das personalidades que mais se beneficiaram da ditadura militar. Segundo o jornalista e pesquisador de futebol, Franlin Foer, no livro *Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização*, Pelé virou o garoto propaganda dos militares

> Pelé tornou-se para o regime o símbolo desse *boom*, que os economistas denominaram o "Milagre Brasileiro"[...] Nos anos 1970, os ditadores mostravam seu rosto em *outdoors* ao lado de seus slogans ("Ninguém segura este país!"). Nos eventos oficiais, executava-se a música tema da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela equipe liderada por Pelé. (FOER, 2005, p.111).

. O rei do futebol, era um servo da ditadura, ganhando socialmente e financeiramente um status até então não visto no Brasil e no mundo. O garoto pobre, que superou as adversidades sociais e em 1969, ao fazer o seu gol de número mil, disse aos repórteres: "Lembrem-se das criancinhas, nunca esqueçam as criancinhas pobres do Brasil". Esqueceu suas origens e se tornou um dos magnatas da indústria do futebol, preocupando-se apenas com seu bem-estar e esquecendo de companheiros campeões que não tiveram a mesma "sorte".

Outros grandes jogadores do Brasil, tomaram um caminho político diferente do "rei do futebol". O jovem de cabelos longos e barba grande, Afonsinho, conciliava o curso de medicina e as atividades futebolísticas, além de participar ativamente do movimento estudantil contra a ditadura militar. Porém, o jovem jogador, não ficou conhecido pelas suas jogadas ou pela sua militância, mas por questionar o "passe", o vínculo trabalhista que os profissionais de futebol tinham com seus clubes. Naquele período, o jogador era quase um escravo do clube, afinal, só poderia deixar sua equipe se fosse permitido, fosse maior de 32 anos (fim de carreira) ou tivesse mais de dez anos na equipe. Grandes jogadores daquela época, acompanharam a luta de Afonsinho e como forma de protesto jogavam de barbas e cabelos compridos, foi o caso de Paulo César Cajú (Botafogo), Doval e Arílson (Flamengo), César (Palmeiras) e Jairzinho, que trocou o tratamento capilar e deixou o estilo black power. Afonsinho foi perseguido pelos militares e pelos clubes de futebol, chegando a ficar sem clube nos anos de 1976 e 1979. Era considerado rebelde e um péssimo exemplo para os outros atletas e para os jovens.[14]

No ano de 1978, a ditadura colocou um fim constitucional ao AI-5, porém, continuou com sua política de violência, perseguição e morte aos homens e mulheres que lutavam pela democracia brasileira. Em 1979, a Lei de Anistia era aprovada, fazendo com que os exilados políticos pudessem voltar ao país, mas sob os olhos dos militares. Ainda nesse período, o Campeonato Brasileiro, totalmente organizado pela ditadura e pela CBF, chegou a ter 94 equipes disputando a Série A, inchando uma competição nacional, a ditadura queria passar a ideia de democracia. Os jogadores, torcedores e jornalísticas falavam: "Onde a ARENA vai mal, mais um clube no nacional. "[15]

DÉCADA DE 1980: ABERTURA POLÍTICA E JOGADORES REBELDES

[13] Entrevista cedida por Pelé, a Amália Barran, in: **La Opinion** (Montevideo), 1972. http://impedimento.org/nos-50-anos-do-golpe-50-historias-de-ditadura-e-futebol/.
[14] FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 148.
[15] Idem. p.150.

O início da década de 1980, é marcado por uma dura crise econômica, altos índices de inflação e desemprego, mas a ditadura não admitia essa hipótese, afinal, os militares acreditavam poder controlar tudo, inclusive uma crise que massacrava os trabalhadores de todo o país, que chegavam a lutar para poder completar uma cesta básica simples e modesta.

A democracia se tornava um sonho, principalmente depois da ditadura militar. O governo Figueiredo, prometeu fazer uma abertura lenta e gradual para o regime democrático, devolvendo ao povo brasileiro o poder de escolher seus representantes. Sabemos que os militares continuaram exercendo seu poder e influência até o final desse período, ao contrário do que pensam alguns historiadores revisionistas que defendem a tese que a ditadura teve fim em 1979.

Nesse período, o futebol totalmente militarizado, rígido, engessado, prezava por jogadores cada vez mais fortes e obedientes, como soldados. Porém, a geração que surgia era cada vez mais rebelde e boêmia, Casa Grande, Romário, Renato Gaúcho, Serginho Chulapa, Heber, Reinado, Edmundo, Neto, Marcelinho e Sócrates, seguiam regimes totalmente opostos. Falavam o que pensavam, provocavam torcidas rivais, fugiam das concentrações, faltavam treinos e manifestavam suas opiniões políticas.

O jogador que mais participou dos movimentos em pró da democracia, foi Sócrates. O "Doutor" Sócrates como era conhecido, era formado em Medicina e seguia um regime rígido de estudos, chegando a faltar inúmeros treinos do Corinthians, time que defendia, para concluir seu curso superior. Dentro das quatro linhas um gênio, fora dos gramados um ativista político que lutava pelo fim da militarização do futebol e do Brasil.

Em 1981, Vicente Matheus o autoritário presidente do Corinthians, deixava o clube depois de quase dez anos de mandato. Em seu lugar, assume Waldemar Pires, que escolheu o sociólogo Adílson Monteiro para sua diretoria, juntamente com os jogadores Sócrates e Vladimir, iniciaram um movimento democrático no time paulista, a "Democracia corintiana". Nesse sistema administrativo proposto, todos do clube tinham direito a voto, secretários, diretores, presidente, jogadores, comissão técnica e serviço de limpeza, não importava o cargo, mas sim o direito de participar diretamente das decisões do clube. A Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, levava para os estádios faixas que pediam o fim da ditadura, gerando muitas vezes um tumulto, pois os agentes infiltrados perseguiam os torcedores que seguravam as faixas.

O fim do regime de concentração[16], foi uma inovação dentro daquele sistema. Então, dias antes dos jogos os atletas eram liberados e se encontravam momentos antes das partidas. Segundo Sócrates

> A gente tinha um almoço no sábado e depois ia para casa. À noite você tomava uma cervejinha, transava com a esposa e no domingo tinha outro almoço com a família. Todo mundo ia junto para o jogo e você entrava em campo com tesão. Quando o time fica concentrado, os jogadores querem liberdade e sabem que só vão ter depois do jogo."[17]

As inovações promovidas no Corinthians, causavam um verdadeiro alvoroço na imprensa esportiva, principalmente depois da convocação da seleção brasileira, onde Sócrates e Casa Grande foram convocados. O treinador Telê Santana, pensou um sistema de jogo voltado para a qualidade técnica dos jogadores, o toque de bola, as jogadas rápidas, o futebol arte, chamou a atenção do mundo, mesmo depois de ter perdido a Copa de 1982, um dos momentos mais tristes da história futebolística no Brasil.

---

[16] A concentração confina os jogadores dias antes dos jogos, restritos em hotéis, os atletas possuem pouco contato com a sua família e ficam "concentrados" na partida.

[17] Comentário de Sócrates em 2007, no 25° aniversário da "Democracia Corintiana". GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país**. São Paulo: Contexto, 2014. P. 206.

Apesar das inovações e da luta pelo fim da ditadura, os militares continuaram prolongando sua vida política, inclusive na CBF, onde o militar Giulite Coutinho, tornou-se presidente da instituição por seis anos (1980-1986). A séria figura de Sócrates, deveria ser acompanhada pelos militares, afinal, sua popularidade no Corinthians, na seleção brasileira e nos movimentos políticos, influenciava jovens a participar da vida política do país, deixando de lado o medo para vencer uma ditadura carcomida.

Sócrates, tornou-se um dos principais símbolos na luta pelas "Diretas Já", chegando a dizer que se as eleições diretas não fossem aprovadas, o jogador sairia do Brasil para jogar no exterior. O resultado do Congresso não agradou os brasileiros, o movimento das diretas foi vencido pela "transição" de privilégios", conciliação de classes, promovido pelos congressistas e militares, sendo assim, Sócrates partiu para defender as cores da Fiorentina em terras italianas.

O futebol brasileiro, no final da década de 1980, passou para um novo estágio: o esporte do capitalismo. A experiência midiática de Pelé e a transformação de clubes ingleses em empresas, foi lentamente transformando o futebol brasileiro. Salários "estratosféricos", propagandas nas camisas dos times, jogos televisionados, impulsionou um novo jeito de gerir o esporte, mas não conseguiu abolir com uma figura carcomida do futebol: os cartolas, que sobrevivem ainda hoje a modernização do esporte, porém, esse debate deixaremos para o terceiro tempo.

CONCLUSÃO

Destacamos nesse curto espaço, algumas das obras mais utilizadas para a pesquisa dessa temática. O futebol ainda é pouco pesquisado pela academia historiográfica, onde, certas ideias se fazem presentes, como, futebol não se discute ou não são vistos como objeto de estudos. Sabemos que são afirmativas equivocadas, pois, como mostramos anteriormente, o futebol é um reflexo da sociedade. Os problemas sociais, a luta por direitos políticos e trabalhistas, a exploração do trabalhador, fazem parte do mundo futebolístico, por isso, o futebol é tão querido pelos brasileiros, afinal, uma vitória não é simplesmente "três pontos", mas sim, toda uma simbologia que envolve aquela conquista.

Por isso, temos como principal objetivo, despertar o interesse para a pesquisa sobre o futebol, mostrando ao público acadêmico que esse esporte é campo ainda em construção, repleto de fontes, problemáticas e assuntos a serem debatidos, mostrando a importância desse esporte para a história, afinal, "em futebol, o pior cego é o que só vê a bola."[18]

BIBLIOGRAFIA

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola e o chumbo: Futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira**. Tese de mestrado defendida na Universidade de São Paulo (USP), 2014.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2205.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

[18] RODRIGUES, Nelson. **À sombras das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.103.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país**. São Paulo: Contexto, 2014.

KFOURI, Juca e CARRANO, Paulo César R. (org.). **Futebol: Paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

NETTO, José Paulo. **Pequena história da ditadura militar brasileira (1961-1985)**. São Paulo: Cortez, 2015.